

Recuo da moeda americana traz força ao turismo

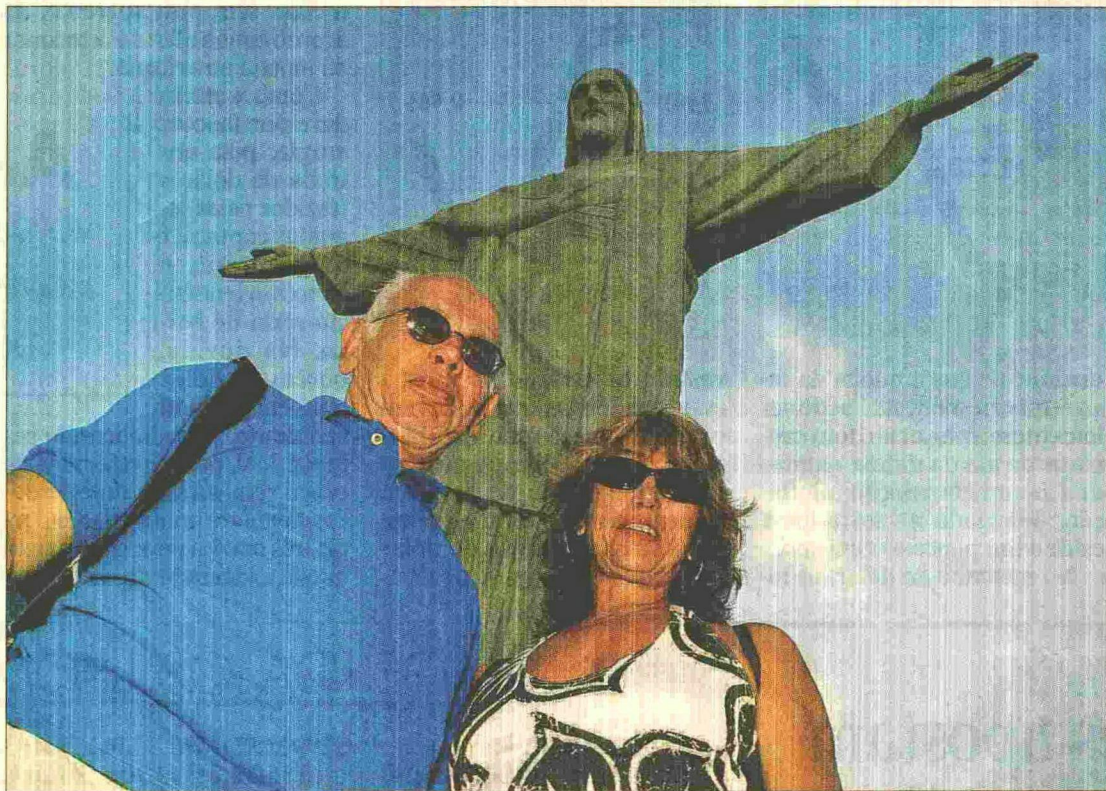
Espera-se aumento de 50% no fluxo internacional das agências de viagens

JACQUELINE FARID

RIO – A queda na cotação do dólar está levando de volta às agências de turismo os viajantes que adiam um passeio no exterior desde o início da escalada da moeda americana, em maio do ano passado. No caso de grandes operadoras, como a paulista Tia Augusta, por exemplo, já houve um crescimento de 30% na procura por viagens internacionais. O presidente da Associação Brasileira das Agências de Viagem (Abav), Tasso Gadzanis, espera um crescimento de 50% no fluxo internacional das agências neste ano ante igual período de 2002, caso o dólar permaneça no nível atual.

A moeda americana fechou a semana passada vendida a R\$ 2,965, após oscilar pouco abaixo de R\$ 4 em grande parte do segundo semestre do ano passado. Para quem quiser aproveitar, uma das promoções oferecidas por uma grande agência, por exemplo – um pacote de US\$ 584 para Orlando, nos Estados Unidos –, pagará em reais cerca de 28% menos do que pagaria em outubro do ano passado, quando o dólar chegou à cotação recorde de R\$ 3,95.

O diretor comercial da Tia Augusta, Alípio Camanzano, disse que com o dólar cotado a R\$ 3, “há público para viajar



A gaúcha Jussara Michelitto e seu marido australiano, John Lorenz, dizem não ter medo do Rio

no Brasil e no exterior”. Segundo ele, “o preço está ótimo”, e havia uma demanda reprimida por viagens internacionais, que agora parece vir à tona.

O Rio e a violência – O presidente da Abav confirma que o aumento das viagens internacionais não diminui o interesse por roteiros no Brasil. Exemplo, segundo ele, é o Rio de Janeiro, que continua atraindo turistas, apesar da onda de violência na capital fluminense. Gadzanis explicou que as notícias violentas só não afastam os turistas estrangeiros porque eles simplesmente não ouvem falar do Brasil. “O País não sai em

primeira página lá fora, essa é nossa sorte”, disse.

Comprovam a tese os muitos estrangeiros que visitaram o Cristo Redentor, um dos principais pontos turísticos do Rio, no feriado de São Jorge na cidade, dia 23 de abril.

A gaúcha Jussara Michelitto, advogada de 47 anos, e seu marido australiano, John Lorenz, 63 anos, vivem as duas faces do dólar. Para vir ao Brasil, são bene-

ficiados pela cotação elevada da moeda. E, para sair do País, como farão nos próximos meses, aproveitam a queda da moeda americana.

“Não temos medo do Rio. Achamos que vale a pena estar

aqui, apesar da violência”, disse Jussara. Segundo ela, que voltou da Austrália há sete meses para passar uma temporada no Brasil, várias amigas de Porto Alegre que desistiram de viagens internacionais, por causa do dólar no ano passado, estão voltando a pensar no assunto. Ela avalia, entretanto, que o turismo interno é bastante atraente e pode compensar a falta de dinheiro para gastar em dólar lá fora.

Alípio Camanzano, da Tia Augusta, concorda e diz que o Brasil começa a atrair turistas de alguns países da Europa, como a França, que depois da guerra no Iraque desistiram de viajar para os Estados Unidos.

“No médio prazo eles vão pensar em destinos diferenciados, e seremos uma boa opção”, disse. (AE)

BASIL
ATRAI QUEM
DESISTIU
DOS EUA